

Ricardo Evangelista Brandão<sup>1</sup>

## O papel do *numerus* na beleza sensível em Santo Agostinho

**Resumo:** Segundo Agostinho, Deus ao criar o cosmos deu *numerus* a todas as criaturas, até as mais inferiores na gradação ontológica dos seres. Desta forma, os *numeri* são tratados como uma configuração presente em cada criatura, que pensamos serem os atributos numéricos das criaturas particulares como: a proporção das partes, a simetria, a semelhança e congruência entre as partes, etc. O *numerus*, não obstante ser tratado como atributo ontológico por constituir o ser de todas as criaturas, sem dúvida igualmente é uma categoria estética por estar presente em todos os corpos e conseqüentemente agregar beleza às criaturas. O universo, tanto em suas partes, como em sua ordem, é numericamente configurado, porque Deus o configurou assim.

**Palavras-chave:** Agostinho, Beleza Sensível, Universo, Ser.

**Abstract:** According to Augustine, while creating the cosmos, God gave *numerus* to all creatures, even to the lowest in the ontological gradation of beings. Thus, the *numeri* are treated as a configuration present in each creature, which we think are the numeric attributes of the particular creatures such as the proportion of parts, symmetry, similarity and congruence between the parties, etc.. Although the *numerus* is treated as an ontological attribute to constitute the being of all creatures, it is also and undoubtedly an aesthetic category present in all bodies, thus adding beauty to the creatures. The universe, in both its parts as well as in their order, is numerically set, because God configured it that way.

**Keywords:** Augustine, Beauty Sensitive, Universe, Being.

Antes de investigar qual o papel do *numerus* na estética cosmológica agostiniana, se faz necessário entender um pouco acerca de seu conceito, levando em consideração a língua latina bem como a maneira como o utiliza Agostinho. O substantivo latino *numerus* é um termo bastante

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPE/UFPB/UFRN; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba; Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco; Professor Substituto do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: ricardobrand75@gmail.com

amplo, podendo significar não só quantidade como o número coloquialmente no português, mas também: disposição, ordem, arrançamento, compasso, cadência, conveniência, movimento regulado, pé métrico, ritmo, verso, harmonia, contar, numerar, enumerar, calcular, gradação, perfeição<sup>2</sup>. Assim sendo, em seu vasto campo de significação,

<sup>2</sup> Cf. F. R. dos S. SARAIVA, *Dicionário latino – português*, Livraria Garnier, Belo Horizonte 2006, p. 792. No livro seis do *De musica*, Agostinho distingui cinco tipos de *numeri*, que pelo contexto em que são usados significam cinco gêneros de ritmos ou harmonias, principalmente direcionados a produção musical. Descrevendo os mencionados *numeri* sem considerar a ordem hierárquica ontológica, que é justamente a maneira como Agostinho os apresenta primeiramente, temos os seguintes: primeiramente os números sonoros, que se trata dos ritmos do som enquanto fenômeno físico, ou dizendo de outro modo, do movimento do ar que produz o som que ouvimos (Cf. SAN AGUSTÍN, *La musica in Obras completas de San Agustín*, ed. Bilingüe, trad. introd. y notas Alfonso Ortega, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1988, tomo XXXIX, VI, 2, 2). O segundo gênero são os números entendidos, que se encontram nos sentidos de quem ouve os sons, capacitando-o a captar os diversos ritmos ecoados (Cf. *Ibidem*, VI, 2, 3). O terceiro são os números proferidos, que consistem na voz ou instrumentos que com ritmos apropriados proferem um poema, tocam ou cantam uma música (Cf. *Ibidem*, VI, 3, 4). O quarto gênero de números são os ritmos presentes na memória, que o Filósofo os descrevem assim: «Mestre - Considera, pois, também o quarto gênero, a saber: o dos números que estão na memória; porque se os expressamos por meio da recordação, e ao transportarmos a outros pensamentos, os deixamos outra vez como depositados em seu esconderijo, o que não os deixamos ocultos, penso eu, que eles podem existir sem os demais – Considera igitur et quartum genus, eorum scilicet numerorum qui sunt in memoria: nam si eos recordatione depromimus. et cum in alias cogitationes deferimur. hos rursum relinquimus velut in suis secretis reconditos, non, opinor, occultum est eos esse posse sine caeteris» (*Ibidem*, VI, 3, 4 – PL 32). Neste caso, essa independência do citado número dos demais, consiste em que a memória produz uma melodia, ritmo ou harmonia interior, sem a necessidade de algum som tocar a orelha do indivíduo que rememora alguma música (Cf. É. GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, Discurso Editorial; Paulus, São Paulo 2006, p. 126). O quinto gênero de número, são denominados de números do juízo, que se trata de nossa capacidade natural de valorar os diversos ritmos e harmonias, julgando se eles ao serem pronunciados, tocados ou cantados possuem intervalos extremamente longos, demasiadamente curtos ou harmônicos. Segundo o Filósofo de Hipona esses números são os mais importantes entre os citados: «Mestre - Não te contradigo, e quero já perguntar-te qual destes quatro gêneros julgas ser o mais excelente, se é o que estou pensando, enquanto examinamos suas formas, que nos tem aparecido, não sei de onde, um quinto gênero que reside no mesmo juízo natural do sentir, quando nos deleitamos na igualdade dos ritmos, ou nos sentimos molestos quando ela lhes falta – Non resisto

o *numerus* engloba várias categorias estéticas, notadamente, *similitudine*, *aequelitas* e *congruentia partium*, e a *unitas*. Poderíamos dizer que o *numerus* é uma perspectiva para se perceber o cosmos como matematicamente configurado, na medida em que em cada maneira de perceber o cosmos, seja em qual direção o contemplemos, é possível apreender uma Natureza ordenada com categorias próprias da matemática daquela época. Pois percebemos que o cosmos é em cada criatura, bem como na ordem, organizado em seus movimentos com ritmo e proporção; em sua forma com simetria, semelhança e harmonia; em seus sons com ritmo, cadência, harmonia, modulação; em suas relações com harmonia, gradação de perfeição, ordem, disposição, etc. Ou seja, ao contemplarmos o cosmos o percebemos configurado com todos esses conceitos matemáticos relacionados com a categoria do *numerus*.

Destarte, devido ao vasto campo de significação o que determinará o que *numerus* significará de fato é o contexto; entretanto, quando algum termo derivado do *numerus* aparecer no texto latino, podemos ter a certeza que deverá ser interpretado como uma palavra que revela a configuração numérica ou matemática. Devido à amplitude do conceito, para evitarmos um texto confuso com muitas palavras diferentes para expressar a mesma categoria, optaremos em seguir a comum tradução de *numerus* na língua portuguesa, que é o termo número. Assim sendo, quando trabalharmos esse conceito nos textos de Agostinho usaremos intercambiavelmente *numerus*, número, numerosa, numérico,

tibi, et vellem iam quaerere, quod tandem horum quatuor generum praestantissimum iudices: nisi arbitrarer dum illa tractamus, nescio unde apparuisse nobis quintum genus, quod est in ipso naturali iudicio sentiendi, cum delectamur parilitate numerorum, vel cum in eis peccatur, offendimur» (SAN AGUSTÍN, *La musica*, op. cit., VI, 4, 5 – PL 32). Como dissemos, essa sequência em que apresentamos os cinco gêneros de números estão na ordem como foram expostos por Agostinho, todavia, ele igualmente expõe a sequência que ao seu entender expressa a hierarquia segundo o grau de importância entre eles: «Mestre - Chama-se, portanto, os primeiros de judiciais, os segundos de proferidos, os terceiros de entendidos, os quartos de recordáveis, os quintos de sonoros – Vocentur ergo primi iudiciales, secundi progressores, tertii occurrentes, quarti recordabiles, quinti sonantes» (*Ibidem*, VI, 6, 16 – PL 32). Nesta sequência, o Hiponense cita os ritmos começando pelo mais importante até ao menos importante ontologicamente.

numericamente, com o mesmo significado do *numerus* latino. É óbvio que quando for necessário destacaremos o que *numerus* está informando naquele contexto, se, por exemplo, é a harmonia, o ritmo, a simetria, a proporção, a forma, etc.

O Filósofo de Hipona, partindo do princípio de que Deus é a única fonte do universo, o descreve como uma espécie de geômetra primeiro, na medida em que criou um cosmos configurado numericamente, como expressa no *Sobre o Livre-Arbitrio*: «Mas por que Deus deu o número a todos os seres, até mesmo aos menores e àqueles que se encontram no limite das coisas? Pois os corpos também possuem seus números, ainda que estejam no último lugar na escala dos seres»<sup>3</sup>. No contexto da passagem citada, o Pensador Bispo, uma vez estabelecendo que as leis do *numerus* assim como a lei da *sapientia* (sabedoria), são universais e imutáveis (Cf. *De lib. arb.*, II, 10, 29), questiona acerca da natureza de ambas: se são a mesma realidade, se uma procederia da outra, etc. Após algumas considerações a respeito, afirma que o *numerus* é mais universal que a *sapientia*, visto que não existe corpo ou entidade no cosmos que não possua o *numerus*, e *sapientia* apenas o homem a possui na Natureza. Contudo, ele entende que mesmo nas entidades não humanas a sabedoria está presente através do *numerus*, sendo esse último uma expressão da sabedoria divina, que tudo ordenou numericamente (Cf. *De lib. arb.*, II, 10, 30; 11, 31).

Neste caso, segundo o fragmento descrito, Deus ao criar o cosmos deu *numerus* a todas as criaturas, desde as mais inferiores na gradação ontológica dos seres, até os que estão no limite da existência possuem seus *numeri*. Desta forma os *numeri* no texto em análise, são tratados como uma configuração presente em cada criatura, que pensamos serem atributos numéricos das criaturas particulares como: a proporção das partes, a simetria, a semelhança e congruência entre as partes, etc. O *numerus* aqui, não obstante ser tratado como atributo ontológico por constituir o ser de todas as criaturas, sem dúvida igualmente é uma

3 SAN AGUSTÍN, *Del libre albedrío* in *Obras completas de San Agustín*, ed. Bilingüe, trad. introd. y notas P. Evaristo Seijas, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1963, III, II, 11, 31: «Sed quia dedit numeros omnibus rebus etiam infimis, et in fine rerum locatis; et corpora enim omnia quamvis in rebus extrema sint, habent numeros suos».

categoria estética por estar presente em todos os corpos e consequentemente agregarem beleza às criaturas.

O universo, tanto em suas partes representadas por cada criatura, como no todo representado pela ordem cósmica é numericamente configurado, porque Deus o compôs e configurou assim<sup>4</sup>. A Natureza revela determinada lógica racional, que nosso Filósofo chama de *numerus*, e na medida em que tal ordem cósmica não poderia surgir ao acaso, ela revela que foi obra de uma incrível engenharia em que reinam as proporções e a harmonia, compostas de *numerus*<sup>5</sup>.

Para deixar mais claro a relação do *numerus* com a beleza, cabe-nos investigar o diálogo *De ordine*, onde o *numerus* tem um papel tão fundamental na ontologia do sensível, que Agostinho investigando o percurso da razão no conhecimento da natureza, afirma que a razão quando consegue ter uma compreensão mais elevada do mundo, percebe que ele é ritmo, regularidade de alternância de movimentos e tempos, figura, medida, linha, etc. Ou seja, o mundo é numericamente configurado, pois, é possível encontrar *numerus* em cada um dos seres do cosmos, e sendo desta forma, ele igualmente é belo. Como nos esclarece este interessante fragmento:

<sup>4</sup> O medievalista Claudio Moreschini tentando demonstrar o quão Agostinho é herdeiro do pitagorismo em sua concepção dos números, diz o seguinte: «O princípio da substância de cada coisa é, com efeito, o número. E por esse motivo a razão, que é o juiz de cada coisa que participa da sua potência, pode ser chamada de número» (C. MORESCHINI, *História da filosofia patristica*, trad. Orlando Soares Moreira, Loyola, São Paulo 2008, p. 464).

<sup>5</sup> O universo só possui alguma lógica em sua ordem por causa dos números, na medida em que a ordem racional do cosmos e os números são a mesma realidade. Os números são os princípios ordenadores do cosmos, visto que Deus primeiramente, (entenda primeiramente de forma lógica, não cronológica), criou uma matéria sensível informe e caótica, e posteriormente ordenou essa matéria com a imutável lei dos números. Se não fosse a matemática divina, o mundo nunca seria cosmos ordenado. Como bem nos revela Victorino Capánaga: «Em seu aspecto ontológico, os números são leis das coisas. [...] O número se enlaça com a beleza, com a harmonia e, portanto, com o aspecto racional do cosmos, como obra de uma inteligência superior» (V. CAPANAGA, «Introducción general: el universo Agustiniano», in *Obras completas de San Agustín*, trad. introd. y notas Victorino Capánaga, 6. ed., La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, p. 53 – tradução nossa).

Depois, passando aos domínios dos olhos e percorrendo a terra e o céu, compreendeu que nada mais que a beleza lhe agradava, e na beleza as figuras, nas figuras as dimensões e nas dimensões os números, e pesquisou se aí a linha, a esfera e qualquer outra forma e figura eram tais como existem na inteligência<sup>6</sup>.

No texto supra, Aurélio Agostinho descreve a razão humana buscando na ordem cósmica alguma racionalidade, objetivando alcançar a contemplação da perfeita racionalidade das verdades divinas. Assim, a razão por meio dos diversos sentidos busca vestígios da ordem racional, e na interpretada períclope a razão investiga os objetos contempláveis pelo domínio da visão (*Hinc est profecta in oculorum*). Destarte, a razão percorrendo os objetos apreciáveis pela visão, percebe que entre estes, apenas a beleza lhe causa prazer (*sensit nihil aliud quam pulchritudinem sibi placere*). Neste sentido, o prazer estético gerado pela contemplação da beleza é racional, pois é a razão que conclui que apenas a beleza nos objetos apreciáveis pelo sentido da visão lhe apraz. Concluindo com uma ideia que trabalha em vários textos, inclusive no *De pulchro et apto*, de que existe no homem uma atração pelo que é belo, na medida em que apenas a beleza o agrada levando-se em consideração os objetos visíveis, nosso Pensador responde uma pergunta implícita na citada conclusão: se apenas a beleza agrada a visão, o que existe nos objetos para que a razão o entenda como belo? O Pensador responde a esta implícita questão de forma progressiva até chegar ao *numerus*, que neste caso seria o motivo pelo qual a razão encontra beleza nos objetos visíveis.

Assim sendo, o que agrada a visão é a beleza e na beleza as figuras (*et in pulchritudine figuras*). Figura no presente texto, considerando as frases que precedem e sucedem o seu uso, significa: forma, figura, aparência exterior, isto é, na beleza o que nos agrada é a aparência ou forma exterior; entretanto, figura ou forma exterior informa pouco acerca da natureza da beleza estudada, visto que levando-se em consideração

<sup>6</sup> SAN AGUSTÍN, *Del orden*, in *Obras completas de San Agustín*, 6. ed. bilingüe, trad. introd. y notas Victorino Capánaga, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, II, 15, 42: «Hinc est profecta in oculorum opes et terram caelumque collustrans, sensit nihil aliud quam pulchritudinem sibi placere, et in pulchritudine figuras, et in figuris dimensiones, in dimensionibus numeros; quaesivitque ipsa secum utrum ibi talis linea talisque rotunditas vel quaelibet alia forma et figura esset, qualem intelligentia contineret».

uma beleza contemplada pelos olhos, obviamente é a aparência externa e, portanto, visível o que agrada o contemplador. Todavia, o Pensador cristão continua afirmando que o que nos agrada nas formas exteriores (*figuras*) são as dimensões (*et in figuris dimensiones*), ou seja, nas figuras das coisas visíveis o que agrada é a dimensão ou medida. Neste caso podemos interpretar que nas *dimensiones* estão incluídas as categorias estéticas das quais já analisamos notadamente *similitudine*, *aequalitas* e *congruentia partium*, na medida em que envolvem de alguma maneira as medidas e dimensões das formas dos entes da Natureza. Portanto, está em foco aqui as dimensões das formas dos objetos, bem como as dimensões das partes que o compõe.

Agostinho finaliza a citação estudada, dissertando que nas dimensões, o que nos agrada são os *numeri* (*in dimensionibus numeros*). Assim, no que é visível exclusivamente o belo agrada a razão, e na beleza o que agrada é a forma exterior ou a configuração exterior; na forma exterior as dimensões (simetrias, semelhanças e harmonias), e nas dimensões os números. Os *numeri* presentes nos entes da natureza são os que os tornam belos, e, portanto agradam a razão, e no interpretado texto se manifesta como formas e dimensões. Levando em consideração o fato de que o Pensador no texto analisado, está buscando a presença da racionalidade nos entes alcançados pela visão, e nessa investigação encontra a beleza derivada dos *numeri*, esse último é entendido como uma configuração racional com o qual Deus ordenou a beleza do cosmos. Ou seja, a nossa razão consegue encontrar na ordem da Natureza racionalidade e beleza, por esta ordenação ter sido configurada numericamente por Deus, e, destarte, o *numerus* é entendido como a fonte da qual emana toda beleza perceptível pela visão.

No diálogo *Sobre o Livre-Arbitrio*, o Pensador de Hipona diz expressamente que os números são princípios ontológicos fundamentais de todas as entidades da natureza, de forma que se conseguíssemos extrair os números que compõem os seres, eles nada seriam. Ou seja, todos os seres que compõem a natureza por serem configurados matematicamente, só o são, porque têm seus números. A configuração numérica em cada espécie determina a sua específica forma e identidade ontológica, de maneira que podemos dizer que cada ente só é o que é devido a sua específica ordenação numérica. Como esclarece Agostinho: «Contempla o céu, a terra, o mar e todos os seres neles contidos, brilhando nas alturas

ou rastejando a teus pés, voando ou nadando. Todos possuem beleza, porque têm seus números. Suprima-os e eles nada mais serão»<sup>7</sup>.

A passagem citada, sem dúvida é deveras esclarecedora para o papel dos *numeri* na estética de Aurélio Agostinho, logo, para que a nossa investigação logre melhor êxito, se faz prudente, ao menos resumidamente examinarmos o que conduziu o Filósofo à afirmação presente no fragmento exposto. O Hiponense inicia o terceiro livro do *De libero arbitrio* buscando evidências da *sapientia* em todos os lugares, tanto no homem que busca a *sapientia*, mostrando que de alguma maneira as leis da *sapientia* estão impressas na mente humana, como também no cosmos, que demonstra que este último foi ordenado pela *sapientia* primeira, Deus (Cf. *De lib. arb.*, II, 15, 39 – 16, 41).

Assim, a *sapientia* primeira imprimiu vestígios de sua ordenação em qualquer lugar do cosmos, e uma das evidências desta ordenação é a beleza contemplável em toda a Natureza, configurada pelos *numeri*. A beleza objetiva-se na configuração numérica da ordem, e o homem apenas tem a capacidade de perceber a mencionada beleza numérica, porque possui impressas dentro de si certas leis da beleza (*pulchritudinis leges*), que seriam como princípios estéticos que possibilitariam ao homem reconhecer o belo e julgar o grau de beleza presente nos entes do mundo (Cf. *De lib. arb.*, II, 16, 41)<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> SAN AGUSTÍN, *Del libre albedrío*, op. cit., II, 16, 42: «Intuere caelum et terram et mare, et quaecumque in eis vel desuper fulgent, vel deorsum repunt vel volant vel natant; formas habent, quia numeros habent: adime illis haec, nihil erunt».

<sup>8</sup> Eis um fragmento do contexto do qual estamos comentando no corpo de nosso trabalho: «Efetivamente, em qualquer lugar onde olhares, a sabedoria te fala pelos vestígios que imprimiu em todas as suas obras. E quando recais de novo no amor às coisas exteriores, é valendo-se da própria beleza dos seres exteriores que ela te chama a teu interior. E isso a fim de que, vendo tudo quanto te encanta nos corpos e te seduz, através dos sentidos corporais, reconheças que está repleto de números. Ao indagares de onde vem isso, entra em ti mesmo e compreende tua impotência de julgar para o bem ou para o mal os objetos percebidos por teus sentidos. Pois não poderias aprovar ou desaprová-los, se não tivesses dentro de ti certas leis estéticas, às quais confrontas todas as belezas sensíveis do mundo exterior. Quoquo enim te verteris, vestigiis quibusdam, quae operibus suis impressit, loquitur tibi, et te in exteriora relabentem, ipsis exteriorum formis intro revocat; ut quidquid te delectat in corpore, et per corporeos illicit sensus, videas esse numerorum, et quaeras unde sit, et in teipsum redeas, atque intelligas te id

No texto objeto de nossa interpretação, o Pensador diante do fato esboçado da ordenação numérica realizada pela Sabedoria primeira, estimula seu interlocutor Evódio a contemplar em qualquer lugar da Natureza, seja no céu, terra ou mar (*Intuere caelum et terram et mare*), que a beleza enquanto *numerus* estará presente. Contudo, não é apenas o céu, a terra e o mar percebidos enquanto paisagens harmoniosas que ele destaca, mas, todos os seres contidos em cada uma dessas esferas do cosmos (*et quaecumque in eis vel desuper fulgent*). Outro fato importante a se destacar, é que o Filósofo cita exemplarmente a ação pela qual estes entes são conhecidos: brilhando no céu, voando ou nadando. Ou seja, tanto os astros que compõe o céu, como os pássaros que habitam os ares, e os peixes nadando nos mares, são belos. Acerca desses três exemplos mencionados, dificilmente alguém discordaria de que a beleza esteja presente nesses seres e na ação dos mesmos, porém Agostinho acrescenta que até mesmo os animais rastejantes como as cobras são belos, e o próprio ato de rastejar desses animais, belos igualmente o são. De fato para o Filósofo a beleza é universal.

Destarte, o Filósofo cristão diz que essas criaturas que povoam a Natureza, possuem formas belas, e essas formas provém dos *numeri*. Assim o *numerus* é a causa das formas exteriores, na medida em que toda forma é configurada numericamente; conseqüentemente, visto que a beleza manifesta-se nas formas exteriores, o *numerus* é a causa da beleza, e por isso, autorizados pelo contexto que conduziu até o fragmento estudado, podemos dizer que todas as criaturas que compõe o cosmos, sejam em suas figuras, sejam nas formas, movimentos e ritmos de suas ações, são belas porque têm seus *numeri*.

Santo Agostinho conclui o último texto citado, com uma expressão que demonstra para não restar dúvidas, a força e extensão ontológica e estética dos *numeri*: «*adime illis haec, nihil erunt*» (suprima-os e eles nada mais serão). Ou seja, todas as criaturas<sup>9</sup> têm formas belas porque têm seus *numeros*, se os *numeros* forem suprimidos delas, elas não terão mais formas belas, e tão pouco existirão. A despeito de não ser declarado

quod attingis sensibus corporis, probare aut improbare non posse, nisi apud te habeas quasdam pulchritudinis leges, ad quas referas quaeque pulchra sentis exterius» (SAN AGUSTÍN, *Del libre albedrío*, op. cit., III, 16, 41).

<sup>9</sup> No *Del libre albedrío*, op. cit., II, 16, 42, terra, mar, e céu expressam claramente a universalidade do criado.

explicitamente no texto, essa afirmação extremamente positiva da beleza do cosmos expressa pela universalidade dos *numeri*, está implícita a refutação dos maniqueus que perspectivavam a fealdade nas criaturas que provocam repulsa ao homem, como as cobras por exemplo, animal este que Agostinho faz questão textualmente de mencionar ao defender a beleza dos animais rastejantes.

Neste sentido, o conceito de *numerus* equivale-se ao conceito de *forma*, na medida em que cada ente do mundo tem sua *forma* porque tem seus *numeri*; como diz Maria Bettetini comentando o fragmento estudado: «O número, ‘reflexo da divina sabedoria’, doa o ser a suas espécies, ou forma. No *Sobre o Livre-Arbitrio* se dá claramente a equivalência entre número e forma»<sup>10</sup>. Ou seja, o número se assemelha ao conceito de forma, na medida em que é o princípio de individuação dos seres.

Quando um determinado ente da natureza possui um corpo bem formado, quer dizer, perfeito dentro de sua específica espécie, possui determinado grau de beleza expressa na proporção de seu corpo, que torna a união de todas as suas partes bela, são os números ocupando seu espaço, ou seja, é sua configuração numérico-espacial. Os próprios intervalos de tempo envolvidos nos movimentos das criaturas são harmônicos dentro de determinada espécie e na relação dela com o todo cósmico, e essa harmonia é a beleza dos números atuando temporalmente.

Devemos observar que o Filósofo de Hipona, admoesta à contemplação da beleza de um *formati corporis* (corpo formado), neste caso este corpo é belo porque os *numeri* estão ordenando espacialmente a forma do corpo. Logo, qualquer corpo observado, seja na proporção entre os seus membros, seja na sua figura, é uma configuração espacial realizada pelos *numeri* ocupando determinado espaço, e, por conseguinte gerando determinada forma corpórea. E a beleza presente nos movimentos dos corpos (*pulchritudinem mobilitatis in corpore*), são os *numeri* ordenando o tempo nos corpos por meio de movimentos harmoniosos, seja, por exemplo, no ritmo harmonioso das aves em seus

<sup>10</sup> M. BETTETINI, *La misura delle cose. Struttura e modelli dell'universo secondo Agostino d'Ipbona*, Rusconi, Milano 1994, p. 190.

voos, ou no ritmo proporcional do movimento de uma cobra em seu rastejar.

No prólogo do diálogo *De ordine libri duo*, Agostinho esclarece que o objetivo do diálogo é investigar a ordem de todas as coisas do universo (*ordo rerum* = ordem das coisas); depois de muito conjecturar com seus interlocutores conclui que nada acontece na natureza por acaso, mas que em cada acontecimento, por ínfimo que nos pareça, existe um ritmo de movimento calculado<sup>11</sup>. Quer dizer, mesmo nas criaturas não humanas que são desprovidas de razão, existe uma lei que dá determinada ordem racional a seus movimentos, fazendo-os ao invés de cegos movimentos, ritmos ordenados. Como disserta o Filósofo descrevendo uma briga entre galos:

Assim era também naqueles mesmos galos: suas cabeças projetadas para frente, as plumagens eriçadas, golpes violentos, cautelosas atitudes para esquivar-se dos ataques, e tudo proporcional em cada movimento dos animais desprovidos de razão, mas sem dúvida tudo sendo regulado por uma outra razão superior. Finalmente a lei do vencedor: o canto altivo e todo o seu corpo recolhido como num só círculo para orgulho do seu domínio; e o sinal do vencido: suas asas depenadas, deforme a sua voz e desfigurados os seus movimentos. Não sei como, mas tudo isso manifesta beleza e harmonia com as leis da natureza<sup>12</sup>.

Segundo o texto citado, não existem movimentos fortuitos na natureza, qualquer movimento possui um determinado ritmo proporcional àquela criatura que o executa, de forma que existem leis da natureza que regulam todos os movimentos das criaturas particulares, tornando-os proporcionalmente harmônicos àquela determinada espécie, que no exemplo é o galo, mas, todavia, poderia ser aplicado a qualquer

<sup>11</sup> Cf. SAN AGUSTÍN, *Del orden*, in *Obras completas de San Agustín*, 6. ed. bilingüe, trad. introd. y notas Victorino Capánaga, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, I, 1-6, 15.

<sup>12</sup> SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., I, 8, 25: «Ut in eisdem ipsis gallis erat videre intenta proiectius capita, inflatas comas, vehementes ictus, cautissimas evitationes, et in omni motu animalium rationis expertium nihil non decorum, quippe alia ratione desuper omnia moderante, postremo legem ipsam victoris: superbum cantum et membra in unum quasi orbem collecta velut infastum dominationis. Signum autem victi: elatas a cervice pennulas, et in voce atque motu deforme totum et eo ipso naturae legibus nescio quomodo concinnum et pulchrum».

animal participe da ordem cósmica. Pouco antes da citação estudada, o Hiponense afirma que em qualquer lugar da Natureza pode-se encontrar beleza, bastando à pessoa que observa o mundo estar atento para que a beleza se manifeste a ele. No caso particular do exemplo, uma briga de galos, aparentemente não seria um lugar apropriado para a beleza estar presente, devido a toda rudeza do combate e ao estado desfigurado em que ficou o galo vencido. Entretanto, a beleza plástica presente nos movimentos dos animais, atacando-se e defendendo-se com movimentos tão proporcionais a seu modo de ser, que parecem estar realizando movimentos previamente coreografados e exaustivamente ensaiados. Deste modo, não obstante o fato de a cena bárbara de ver o galo deitado, machucado e possivelmente ensanguentado após a derrota, ofender o nosso juízo moral e nos causar certa repulsa, esteticamente os ritmos e a plasticidade dos movimentos da luta são numericamente ordenados, sendo, portanto belos:

Que coisa mais agradável, que espetáculo mais harmonioso que ocorreu na casa de campo, do que aquela briga de galos que mencionamos no livro anterior? Mas como foi vil a imagem que vimos do galo vencido que ficou desfigurado! No entanto, pela mesma desfiguração resultou uma beleza mais perfeita da briga<sup>13</sup>.

A primeira ideia a se destacar na perícopie acima, é o fato de que mesmo um objeto ou acontecimento da ordem que pode nos ser vil moralmente (*abiectius*), pode nos parecer belo esteticamente (*spectaculum congruentius* – espetáculo harmonioso), mostrando assim a independência da beleza estética com relação à beleza moral. Nesse caso, mesmo no aspecto moral o galo desfigurado apenas pode ser considerado como vil, quando considerado isoladamente, pois, em seu contexto, é moralmente bom por contribuir com a ordem do todo. Na situação mencionada, o que nos ajuda nessa interpretação são principalmente as frases imediatamente precedentes presentes no contexto, em que

<sup>13</sup> San Agustín, *Del orden*, op. cit., II, 4, 12: «Quid nobis suavius, quod agro villaeque spectaculum congruentius fuit pugna illa conflictuque gallinaceorum gallorum, cuius superiore libro fecimus mentionem? Quid abiectius tamen deformitate subiecti vidimus? Et per ipsam tamen eiusdem certaminis perfectior pulchritudo provenerat».

Agostinho cita o verdugo e a prostituta como repugnantes de forma isolada, mas como fundamentais ao cumprir os seus papéis para o bom funcionamento da ordem<sup>14</sup>, ou melhor, importantes para a ordem se reordenar diante da desordem provocada pelo pecado original.

Retornando para a esfera do natural, o estado do galo vencido no término da luta, de fato nos causa alguma pena, contudo, segundo o Pensador, mesmo o estado lamentável do derrotado colaborou para o belo espetáculo da rima (*Et per ipsam tamen eiusdem certaminis perfectior pulchritudo provenerat*), ou dizendo melhor tornou mais perfeita a beleza da briga. Se não houvesse um galo vencido e desfigurado no final do combate galináceo, o espetáculo da luta não seria tão belo. Interpretamos que isso acontece por ao menos dois motivos, primeiramente porque nos próprios gestos e movimentos presentes na ação do galo abatido, os *numeri* estão presentes, de maneira que sem dúvida é possível encontrar harmonia nos movimentos do mesmo, e igualmente nos movimentos dele em relação ao galo vencedor. Como se a briga fosse uma bela dança ensaiada, e a maneira em que ficaram ambos: o derrotado com asas depenadas, o canto triste e os movimentos desfigurados; e o animal vitorioso com o altivo canto, e o recolher de suas penas em conjunto com a postura de seu corpo, demonstrando que naquele combate ele tem o domínio<sup>15</sup>, como se a postura e a atitude de ambos fosse o ápice, o grande final da coreografia.

Em segundo lugar, o estado desfigurado do vencido torna o espetáculo da rima em sua totalidade como algo mais belo (*perfectior pulchritudo provenerat*), e da mesma forma como no caso do verdugo e da prostituta, em que o problema maior não são eles em si mesmos, mas observá-los fora de seu contexto. Semelhantemente, o galo derrotado e machucado, com a sua derrota e com tudo o que a acompanha, é fundamental para a beleza do todo, e a falha de perspectiva está em contemplar exclusivamente o galo vencido em detrimento da totalidade do espetáculo da harmoniosa batalha. Assim, exclusivamente com esse prisma deformado é que o contemplador entende o estado do galináceo perdedor como feio.

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>15</sup> Cf. SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., I, 8, 25.

Destarte, em diversos momentos no diálogo o Hiponense expressa claramente que todos os movimentos proporcionais e harmônicos da Natureza, tanto em cada criatura em particular como na totalidade cósmica, são numéricos, revelando assim que existe uma regularidade de alternância de tempos e movimentos que são perfeitamente calculáveis e mensuráveis justamente porque o mundo é ritmo, ordem, regularidade, movimento, proporção. Ou seja, o mundo é estruturado e regulado numericamente e, portanto, é belo. Além disso, cada criatura possui determinada forma que é proporcional ao seu modo de ser, e assim sendo possui figura, medida, linha que são expressão do *numerus* presente em todos os corpos.

No capítulo 42 do tratado *De vera religione*, Aurélio Agostinho reflete acerca da vida presente na Natureza, e após algumas reflexões conclui que em qualquer aspecto que se possa pensar a vida no cosmos, ela não é fortuita, mas ordenada, e essa ordem acontece porque cada forma em que ela se manifesta, os *numeri* estão presentes. A presença do *numerus* é tão universal, que até mesmo no que ele chama de movimento vital, o *numerus* está presente. Com a expressão movimento vital, o Filósofo está dissertando acerca de todo movimento presente nas formas de vida, inclusive o nascer e o morrer<sup>16</sup>. Assim, até mesmo no esperma dos animais e nas sementes das árvores, os *numeri* estão presentes regulando todo o processo e ciclo da vida. Na continuação, o Autor, depois de tecer elogios aos cantos dos pássaros, disserta acerca da presença dos *numeri* regulando os movimentos de todos os animais:

Essas observações servem para todos os outros seres vivos, carentes de razão, mas não de sentidos. Nenhum deles, quer pelos sons emitidos, quer por outro movimento ou atividade de seus membros, deixa de apresentar um não sei quê de harmonioso em seu gênero. E não foi conseguido por qualquer aprendizado, mas pelas leis secretas da natureza, reguladas pela imutável lei dos números, origem de toda a harmonia<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Cf. SAN AGUSTÍN, *De la verdadera religión*, in *Obras completas de san Agustín*, ed. Bilingüe, trad, introd. y notas Victorino Capánaga, La Editorial Católica/BAC, Madrid 2011, 42, 79.

<sup>17</sup> *Ibidem*, 42, 79: «Hoc et in ceteris animantibus, quae ratione carentia, sensu tamen non carent, animadverti potest. Nullum enim horum est, quod non vel in

Assim, qualquer ente da natureza, seja qual for a sua densidade ontológica, tem seus movimentos, ritmos e ações regulados pela lei dos números. Caso fossem os ritmos das ações humanas, poder-se-ia explicar que o homem se auto regula pela sua racionalidade, todavia, no fragmento estudado o Pensador versa acerca dos movimentos de animais não racionais (*quae ratione carentia, sensu tamen non carent*). Nesse caso, como podemos explicar o fato desses movimentos e sons de animais carentes de razão não serem disformes e desordenados, e muito pelo contrário de que em cada movimento de seus membros e sons emitidos apresentam uma bela e coerente harmonia (*numerosum*)? Nosso Filósofo não tem dúvidas de que, a despeito do fato desses animais não serem racionais, e, portanto, não terem aprendido determinados movimentos e ações, existe algo como uma regulação interna nesses animais que comumente chamamos de instintos, e que na terminologia agostiniana é denominado de leis intrínsecas da natureza (*intimis naturae terminis*), que são regulados numericamente (*incommutabili numerorum lege modulatis*).

Note que os *numeri* na passagem, são descritos como leis imutáveis que regulam todo o mundo, inclusive os animais não racionais, sendo responsáveis assim por uma harmonia universal. Aliás, nesse contexto o *numerus* é utilizado por Agostinho com o sentido muito próximo ao de harmonia, não constituindo nenhuma exegese interpretar *numerus* *lege* como lei da harmonia.

Na mesma direção da argumentação acerca dos movimentos dos entes do mundo, o Pensador de Hipona igualmente trata os sons presentes na Natureza. Neste caso, dificilmente alguém poderia afirmar que, por exemplo, um canto ecoado por um passarinho não seja belo, pois, é deveras agradável o citado som, contudo, o que é defendido no *De vera religione* é a ideia de que esses formosos sons, não obstante o fato de serem emitidos por entes carentes de razão, não são emitidos fortuitamente e desordenadamente, mas tem um ritmo preciso em cada

sono vocis. vel in cetero motu atque operatione membrorum, numerosum aliquid et in suo genere moderatum gerat, non aliqua scientia, sed tamen intimis naturae terminis, ab illa incommutabili numerorum lege modulatis». No *De ordine* Santo Agostinho afirma que não há entidade do mundo que não aja e viva de maneira proporcional, e harmoniosa, e que são assim não por aprendizado, mas por adaptação às leis da natureza (cf. SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., II, 19, 49).

intervalo entre o som e o silêncio, bem como no volume e timbre dos sons ecoados. Como se houvesse uma partitura musical regulando cada som, desde a duração dos sons, os espaços de silêncio, aos diversos timbres dos cantos que cortam o ar. Contudo, essa partitura musical não está escrita em papel, mas no interior, ou melhor dizendo, no princípio vital desses animais, que enquanto seres criados pelo grande ordenador, igualmente são regulados pelos *numeri*, e assim revelam a harmonia decorrente dessa regulação em seu cantar. Como emblematicamente expressa esta períclope:

É também para notar quão harmoniosa e quão suave a beleza das melodias transmitidas pelo ar, como, por exemplo, o canto do rouxinol. A alma desse passarinho não produziria tais melodias tão livremente se não encontrasse essa impressão sob forma incorpórea, em seu movimento vital<sup>18</sup>.

Seja no ritmo dos acontecimentos da Natureza, como o ciclo da água, os movimentos dos astros que com sua imensa regularidade ajuda-nos a marcar o tempo com manhã, tarde e noite. Tudo isso revela que o cosmos é regulado por leis estáveis que o permitem ser exatamente como é. Essa lei imutável que ordena o ritmo, a proporção e a vida no cosmos o Hiponense chama de número.

Nesse sentido o número não só é o princípio da ordem, como se equivale ao conceito de ordem, pois os termos latinos: *numerus*, *numerositas* e *numerosus*, amplamente usados por Agostinho, além de poderem significar quantificadores de unidades, também podem significar ritmo, harmonia, medida, lei ordenadora e ordem<sup>19</sup>, como analisamos no começo deste capítulo. Assim sendo, ritmo, harmonia e ordem próprios do conceito de cosmos, são *numeri* na medida em que o ritmo, a harmonia e a ordem são regidos pelas leis imutáveis dos *numeri*.

Qualquer entidade da natureza, seja em seus movimentos, seja no formato de seus corpos, são numericamente configurados reinando assim

<sup>18</sup> SAN AGUSTÍN, *De la verdadera religión*, op. cit., 42, 79: «Deinde illud cogitandum est. quam numerosas. quam suaves sonorum dulchritudines verberatus aer traiciat cantante luscinia, quas illius aviculae anima non, cum liberet, fabricaretur, nisi vitali motu incorporaliter haberet impressas».

<sup>19</sup> Cf. L. REY ALTUNA, *Qué es lo bello. Introducción a la estética de San Agustín*, Instituto Luis Vives de Filosofía, Madrid 1945, p. 48; E. FARIA, *Dicionário latino-português*, Livraria Garnier, Belo Horizonte 2003, p. 655.

a harmonia e a ordem. Todavia, os *numeri* não se limitam a ordenar os entes presentes no mundo em suas ações, ritmos, sons e estrutura, mas também os astros do cosmos. Como aclara o Filósofo, explicando o itinerário da razão humana na descoberta das leis que regem o cosmos:

Chamava-lhe muito a atenção o movimento do céu que a convidava a refletir com diligência. E entendeu que também ali dominavam aquela medida e ritmos através das regularíssimas alternâncias dos tempos, pelos cursos invariáveis e definidos dos astros, pelos espaços de tempo ordenados dos intervalos<sup>20</sup>.

A mesma regra que apresentamos anteriormente, acerca da regulação numérica das criaturas partícipes da Natureza no aspecto terreno, igualmente é aplicado à beleza do movimento dos astros, pois, Agostinho tinha a percepção de que os astros seguiam ritmos regulares e invariáveis, não só nos intervalos cronológicos, como no curso espacial. E sem dúvida essa ordenação espaço temporal dos astros, tem a sua invariabilidade e constância devido à imutável lei dos *numeri*. Além disso, essa ordem numérica no nível dos movimentos dos astros agrega beleza ao cosmos, pois, quem poderia dizer que o nascer e o pôr do sol belos não são? Ou que a lua em suas diferentes fases não agrega beleza ao mundo? Ou mesmo um dia de sol ou de chuva não tornam cada um a sua maneira, os dias e as noites mais belos?

Por tudo o que dissertamos, é muito difícil não pensar em uma influência pitagórica na concepção dos *numeri* no pensamento de Aurélio Agostinho, pois, a começar pelo próprio conceito de *numerus* que ele abraçou em sua estética cosmológica, poderíamos dizer que é deveras semelhante ao trabalhado pelos pitagóricos<sup>21</sup>. O vocábulo latino *numerus*

<sup>20</sup> SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., II, 15, 42: «Motus eam caeli multum movebat et ad se diligenter considerandum invitabat. Etiam ibi per constantissimas temporum vices, per astrorum ratos definitosque cursus, per intervallorum spatia moderata, intellexit nihil aliud quam illam dimensionem numerosque dominari». No contexto desta passagem, Agostinho afirma que a razão ao observar as formas dos objetos terrestres criou a Geometria, e ao contemplar os movimentos dos astros criou a Astrologia, que na época possuía um status de Ciência.

<sup>21</sup> Pitágoras assim como Tales nada escreveu, e toda a sua doutrina foi divulgada pelos seus discípulos, como Filolau, que estima-se que foi o primeiro a revelar a doutrina Pitagórica. De forma que não é possível distinguir claramente entre o pensamento de Pitágoras e seus discípulos, sendo mais apropriado fazer referência ao Pitagorismo enquanto escola filosófica, e não ao próprio Pitágoras

é a tradução corrente e com equivalência conceitual ao termo grego *ἀριθμός*, termo esse amplamente utilizado pela escola pitagórica<sup>22</sup>. Desta forma, semelhantemente a Agostinho, os pitagóricos entendiam que *ἀριθμός*, além de significar a multiplicidade medida pela unidade como coloquialmente é compreendido o termo número, o pensavam como forma, proporcionalidade intrínseca e extrínseca das coisas, na medida em que determina a diferença ontológica de cada coisa, determinando assim a essência de cada uma delas.

Entendemos essência aqui, como o que é, o imprescindível para que uma coisa seja o que ela é, e não outra coisa - e visto que o que determina a distinção dos entes é uma certa proporcionalidade e relação dos elementos que os compõem, que faz com que ele seja o que ele é e não outra entidade, visto que o número é justamente essa proporcionalidade e relação de elementos, ou dizendo de outro modo que o número determina a ordem dos elementos que os individualiza perante outros seres - poderíamos dizer que, para os pitagóricos, assim como para o Pensador cristão, todas as coisas partícipes da Natureza são o que são, porque têm seus números.

Em suma, é difícil exagerar acerca da importância dos *numeri* na beleza cosmológica de Aurélio Agostinho, pois, com essa categoria estética e ontológica, nosso pensador encontrou um importante instrumento contra os críticos da ordem cósmica, pois, basta uma criatura ser, para ter seus *numeri* e conseqüentemente ser bela e adequadamente ordenada.

### Referências bibliográficas

AGUSTÍN, San, *La musica*, in *Obras completas de San Agustín*, ed. Bilingüe, trad. introd. y notas Alfonso Ortega, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1988, tomo XXXIX, pp. 49-361.

(Cf. G. Reale, *História da filosofia antiga*, 4. ed., trad. Marcelo Perine e Henrique Cláudio de Lima Vaz, Loyola, São Paulo 1993, v. I, p. 75, 76).

<sup>22</sup> Cf. I. PEREIRA, *Dicionário grego-português e português-grego*, 7. ed., Livraria Apostolado da Imprensa, Braga 1990, p. 81 e M. F. dos SANTOS, *Pitágoras e o tema do número*, IBRASA, São Paulo 2000, p. 110.

- *Del orden*, in *Obras completas de San Agustín*, 6. ed. bilingüe, trad. introd. y notas Victorino Capanaga, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, tomo I, pp. 587-772.
- *Del libre albedrío*, in *Obras completas de San Agustín*, ed. Bilingüe, trad. introd. y notas P. Evaristo Seijas, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1963, tomo III, pp. 190-411.
- *De la verdadera religión*, in *Obras completas de san Agustín*, ed. Bilingüe, trad. introd. y notas Victorino Capánaga, La Editorial Católica/BAC, Madrid 2011, tomo IV, pp. 3-203.
- CAPANAGA, V., «Introducción general: el universo Agustíniano», in *Obras completas de San Agustín*, trad. introd. y notas Victorino Capánaga, 6. ed., La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, v. 1, pp. 1-292.
- BETTETINI, M., *La misura delle cose. Struttura e modelli dell'universo secondo Agostino d'Ippona*, Rusconi, Milano 1994. 268 p.
- FARIA, E., *Dicionário latino-português*, Livraria Garnier, Belo Horizonte 2003, 1081p.
- GILSON, É., *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, Discurso Editorial Paulus, São Paulo 2006, 542p.
- MORESCHINI, C., *História da filosofia patrística*, trad. Orlando Soares Moreira, Loyola, São Paulo 2008, 779p.
- PEREIRA, I., *Dicionário grego-português e português-grego*, 7. ed., Livraria Apostolado da Imprensa, Braga 1990, 1054p.
- REALE, G., *História da filosofia antiga*, 4. ed., trad. Marcelo Perine e Henrique Cláudio de Lima Vaz, Loyola, São Paulo 1993, vol. I, 419 p.
- SANTOS, M. F. dos, *Pitágoras e o tema do número*, IBRASA, São Paulo 2000, 240p.
- REY ALTUNA, L., *Qué es lo bello. Introducción a la estética de San Agustín*, Instituto Luis Vives de Filosofía, Madrid 1945, 197p.
- SARAIVA, F. R. dos Santos, *Dicionário latino – português*, Livraria Garnier, Belo Horizonte 2006, 1297p.